

# FRONTEIRA: CAMINHOS DO CONTRABANDISTA

Cândida Rosa Ramos Nunes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> candinanunes@gmail.com, Universidade Federal do Pampa

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo revelar, através de contos literários de autores do Rio Grande do Sul e do Uruguai, uma visão do perfil do homem contrabandista, explicitando articulações que permitem ao público leitor ter diferentes versões desse personagem que, para uns, é considerado herói e, para outros, bandido. Para atingir tal proposta, serão examinados os contos “Contrabandistas”, de João Simões Lopes Neto; “Contos IV” e “Nossa Senhora Aparecida”, de Aldyr Garcia Schlee; “Contrabandistas”, de Julián Murguía; “Contrabando”, de Darcy Azambuja; “Cerrazón” e “Renuncia del comisario Portela y del cabo Lapuente”, de José Monegal, que enfocam a vida dos moradores da fronteira, espaço por onde transitava o comércio ilícito. Para análise dos textos, tomam-se como referenciais pesquisas de Guilhermino César, Adriana Dorfman, Léa Masina e Mariana Flores da Cunha Thompson Flores, críticos de diferentes áreas que tomam a literatura para aprofundar estudos sobre o contrabando na fronteira. Esta pesquisa permitirá detectar motivos que levavam os indivíduos a realizar contrabandos, bem como as consequências dos seus atos ilícitos. Isso nos leva a refletir sobre o caráter desses sujeitos. Seriam eles heróis ou bandidos?

Palavras-chave: Fronteira; Contrabando; Heróis/bandidos.

## 1. INTRODUÇÃO

Na representação literária, a figura do contrabandista nos revela um perfil múltiplo, variando do herói ao bandido. Contos da literatura de fronteira mostram que esse personagem assinalou a história de uma época que se fazia notória a subsistência dos povos moradores do espaço fronteiriço, quando profundas mudanças ocupavam esse chão, devido às várias disputas pelo poder territorial no período colonial. Esse sujeito protagonista do contrabando já registrava uma crítica aos sistemas políticos e civis da sociedade fronteiriça.

A fronteira é uma via transitória de pessoas que ocupam esse espaço, servindo como união das culturas e tradições, valorizada por uma sociedade que se limita em uma vida cotidiana, na travessia costumeira do comércio e trocas de conhecimentos sociais e culturais.

O contrabando de fronteira foi definido como meu objeto de estudo a partir de contos literários de autores regionais do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Essas obras levam ao leitor conhecimentos de como era a vida desses indivíduos em tempos passados que sustentavam o comércio, atravessando os limites territoriais com suas mercadorias. Os grandes ou os pequenos negócios eram movidos pelas atividades ilegais dos contrabandistas.

Os personagens fictícios criados pelos autores nos revelam a saga vivida pelo indivíduo que praticava o comércio ilícito na fronteira, nos meados dos séculos XIX e XX. As

aproximações entre o herói e o bandido estão contidas nas histórias, mostrando o perfil do homem contrabandista.

João Simões Lopes Neto nos revela, com a criação do Jango Jorge, o pai herói e o homem que desafia as autoridades civis e políticas na prática do contrabando. Insere na literatura um novo itinerário cultural, dando voz à literatura regional da fronteira sul. Além de mostrar ao público leitor a prática ilícita do comércio na fronteira sulina, quebra um preconceito literário, pois revela fatos históricos e culturais que a sociedade conservadora omitia. Jango Jorge é uma visão mítica trazida pelo autor, mas através de seu personagem é referenciado o estilo do homem contrabandista do século XIX.

Na literatura de Aldyr Garcia Schlee, em seus personagens criados para revelar a vida desses indivíduos, o Fidencio Oberón do “Conto IV” é um homem pobre com deficiência mental que vivia nos arrabaldes da cidade de Melo, no Uruguai. Não pode provar sua inocência, mesmo tendo criado e educado com dificuldade e dedicação seus dois filhos. Ele não se livra da prisão por ter um perfil misterioso, próprio da imagem do contrabandista.

E Florentino, também criado por Aldyr Garcia Schlee, traduz a história do homem trabalhador barqueiro que fazia a travessia da areia que ia servir para a construção civil no outro lado da fronteira. Um dia foi abordado por comerciantes que o intimaram a passar a mercadoria proibida embaixo da carga. Ele, ciente do que isso poderia lhe causar, aceita correr o risco em troca de alguns trocados que ia ajudar na renda familiar.

Esses dois autores permitem mostrar o rosto do homem contrabandista que viveu na fronteira Brasil e Uruguai nos meados do século dezenove. É ilustrada a falta de subsistência e a cultura rotineira dos que promovem esse delito.

Já os autores José Monegal e Julián Murguía, escritores uruguaios, descrevem os contrabandistas em seus contos como vilões convertidos em heróis, que buscam por justiça.

Em “Cerrazón”, Avelino é uma vítima da transgressão social que afetava a subclasse nativa da fronteira. Em “Renuncia del comisario Portela y del cabo Lapuente”, José Monegal ilustra esse personagem, aquele que foge da insatisfação social, no caso dos policiais, pois Portela e Lapuente estão insatisfeitos com sua vida e invertem seus papéis, passando a ser contrabandistas.

Para Julián Murguía, o contrabandista era um homem que tinha duplo olhar perante a sociedade. Para aquele menino que morava longe da fronteira, via os contrabandistas como bandidos; já o homem que vivia nesse território, via nesses personagens a figura do pobre que clamava por justiça e sobrevivência.

Darcy Azambuja, autor porto-alegrense, apresenta seu personagem Chiru como um mártir, uma vez que dá a vida para proteger seus companheiros.

O que está representado na ficção muitas vezes se aproxima do que acontecia na vida real. O que os autores buscam imitar através de sua criação é a insatisfação, a subsistência e as dificuldades que seus personagens enfrentavam no cotidiano, revelando-os como sobreviventes da fronteira.

## 2. CONCEITO DE FRONTEIRA

Os reconhecimentos das linhas divisórias são transitórios no histórico da fronteira entre Brasil e Uruguai. Desde as primeiras ocupações coloniais até a definição dos marcos fronteiriços atuais, houve um trânsito dos limites territoriais que, se por um lado originaram-se através de confrontos políticos, por outro serviu como aproximação de culturas e tradições de povos de origem lusitana, espanhola, indígena e africana, conformando um espaço caracterizado por inter-relações sociais que ultrapassam áreas nacionais. Esse é um aspecto derivado da movimentação constante, caracterizando uma fronteira porosa e móvel. Ao contrário do limite, pois este é fixo e determina uma separação. A fronteira aproxima, ou seja, pela travessia de uma ponte, de uma rua ou de um rio, constitui um espaço que não é meramente uma separação geográfica, mas sim um território onde se realizam integrações.

O contato entre as diferenças possibilita trocas identitárias pela população que vive nesse espaço, compartilhando conhecimentos e hábitos que conformam uma história comum, conforme se verifica na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, onde a transculturação social se manifesta na linguagem, na culinária, no folclore e etc. De acordo com o que aponta o sociólogo Enrique Mazzei (2012, p. 15), a linha que divide Brasil e Uruguai corre por entre coxilhas, cidades, ruas, praças e pontes, todas elas franqueadas ao trânsito de todos, delimitando o que é brasileiro e o que é uruguaio, no entanto, mais integrando do que separando.

Desse modo, conforme reflexão apresentada por Homi Bhabha (1998, p. 300), fronteira pode ser conceituada como um terceiro espaço, considerado a partir da abertura de um espaço cultural, onde as negociações das diferenças criam tensões peculiares às exigências fronteiriças.

Podemos associar essas tensões peculiares de que nos fala Bhabha aos casos de que muito já se ouviu falar em contos da literatura fronteiriça, uma vez que indivíduos transitavam pelo pampa para executarem negócios ilícitos, nos passos ou nos rios e mesmo em travessias por terra, nos chamados contrabandos costeiros. Relatam o tráfico de gado tocado por

tropeiros ou de mercadorias levadas em barcos de carregadores de areia que atravessavam as muambas de um lado para outro. Embaixo da areia ia, por exemplo, a cachaça brasileira, muito cobiçada pelos uruguaios.

Ao se pensar em práticas cotidianas que acontecem em territórios fronteiriços, é possível remeter-se às considerações feitas pelo pensador Jaques Leenhardt a partir das palavras de Michel Foucher, quando explica sobre as chamadas *faceries*, um espaço compartilhado pelas comunidades da França e da Espanha séculos atrás através do uso das pastagens para seus rebanhos de um lado e outro da fronteira:

No quadro das *faceries*, a linha de demarcação não existe senão como símbolo das relações complexas, compartilhado e unindo conjuntos territoriais complexos. O essencial sendo o aproveitamento das pastagens, das florestas, das águas, das passagens; a linha tem essencialmente por função assegurar a cada uma das comunidades uma possibilidade de uso, ou de expansão sobre as terras situadas além do estrito domínio que é o seu. (FOUCHER apud LEENHARDT in MARTINS, 2002, p. 28)

Conforme Leenhardt, ao identificar acordos, é possível associar a fronteira à mitologia grega, como na narrativa de Hermes. Esse deus, ao roubar o gado de seu irmão Apolo, não leva o touro para a reprodução do rebanho. Para que seu gado roubado não se tornasse improdutivo, Hermes fica obrigado a fazer um acordo com seu irmão, a fim de que o mesmo touro fosse utilizado como procriador nos rebanhos tanto de Hermes quanto de Apolo. Ao haver esse entendimento, cria-se uma ponte de união, resgatando sentimentos, em meio ao ilícito, fazendo valer a verdade em meio à mentira. Mesmo transgredindo as leis, revelam-se costumes e sentimentos.

Assim como os contrabandistas, Hermes é aquele que une as portas do saber, do entendimento, uma figura mitológica que representa o ladrão de rebanhos, mas que, por meio de acordo, cria aproximações, demonstrando uma capacidade mágica de representar e atravessar o perigo.

Fronteira pode ser um lugar de perigosas relações, mas também de comum acordo, um cenário onde transitam valores por meio de trocas que marcam identidades múltiplas. Mas não mudam a denominação de um povo – o brasileiro continua sendo brasileiro, o uruguaio continua sendo uruguaio. Assim o gaúcho não deixa de ser gaúcho ao apresentar uma tradição cultural marcada por uma *mescla*. No universo desses povos, há uma integração do bem viver, mesmo que existam divergências. Isso é o que constatamos nas afirmações do professor Carlos Rizzon ao referir-se ao espaço fronteiriço:

Caracterizando um território aberto à interferência e aos influxos de variadas contribuições culturais, a fronteira constitui-se em um entrelugar, onde a porosidade e o trânsito que lhe são próprios operam constantes movimentos de expansão e retração. Assim, conforma um território híbrido, onde um mesmo aspecto – a linguagem, por exemplo – pode proporcionar relações de aproximação e distanciamento com o Outro. (RIZZON, 2011, p. 1)

No caso verificado nos contos que tratam do contrabando, existe uma linguagem que aproxima o espanhol e o português. Os quileiros, por exemplo, aqueles que passam mercadorias a quilo, um de açúcar, outro de erva ou de feijão, indo a pé na travessia da fronteira, se expressam com um *Hola Hermano*, ou seja, criam uma aproximação pela linguagem, pelo sotaque, construindo um “portunhol” compartilhado.

A linguagem saborosa e didática de quando se *mescla* um palavreado popular da fronteira, causa nas pessoas um estranhamento por saber que esse indivíduo é da fronteira, ou seja, marca uma identidade cultural.

Assim como a linguagem, também se compartilham produtos que se consomem em um país e outro, por exemplo, o doce de leite (produto in natura) que vamos comprar no Uruguai por ser mais econômico e mais saboroso, os agasalhos de invernos e muitos outros objetos pode ser chamado de produtos internacionais, e quando ultrapassam os limites de cotas já são vistos como contrabando.

Nesse intercâmbio entre produtos que se consomem, ocorrem práticas legais e ilegais de comércio. Antigamente o que se transportava pela fronteira era o couro, o charque e o gado por serem os mais cobiçados. Thompson Flores, apoiada nas pesquisas de Tiago Luís Gil sobre o contrabando no Rio Grande do Sul no período colonial, revela várias características que eram próprias daquele tempo:

A primeira que se destaca é em relação aos produtos contrabandeados: as mulas e os couros. Esses eram os produtos que majoritariamente movimentavam as redes ilícitas de comércio, seguidos pelo gado bovino e equino, no período abordado por Gil. (FLORES, 2014, p. 147)

Hoje vemos que se expande o comércio de bebidas e material eletrônico, devido o avanço da época, porém ainda existe o tradicional contrabando pequeno. Para Flores, esses são identificados como empreitadas individuais, de conta e risco do contrabandista.

Esses são dramas que compõem a literatura fronteira, conforme observamos em contos que tratam do contrabando.

Os textos de João Simões Lopes Neto, Aldyr Garcia Schlee, Julián Murguía, Darcy Azambuja e José Monegal fascinam por apresentar um mundo imaginário que torna imortal a história vivida pelo povo fronteiriço.

Quando nos referimos a fronteira, temos áreas rurais pelas quais seus habitantes constroem relações e com elas adquirem um aprendizado de vida, ou seja, na linguagem falada ou na cultura própria desse lugar.

As fronteiras rurais, retratadas nos contos, são espaços formados de uma paisagem campeira, onde os campos podem estar cobertos de pedras e outros obstáculos aproveitados pelos contrabandistas para se protegerem dos guardas que contralam o tráfico e o comércio clandestino na região. Essas são experiências da vida cotidiana dos indivíduos que habitam nesses limites, caracterizados pelo sabor de uma terra que cheira o perfume do campo e da terra molhada, uma paisagem campeira, onde a natureza aflora entre as curvas da estrada mostrando o tom azulado do céu, e o cotidiano da gente simples que sonha com uma vida melhor.

Na literatura, os contos dos autores acima citados são bastante marcados por espaços que representam as coxilhas, as canhadas e os chircaís, onde os homens faziam a travessia com as mercadorias que iam ser consumidas no outro lado da fronteira que cruzavam, no limite entre Brasil e Uruguai.

O roubo de gado era muito comum, homens montados em mulas ou cavalos faziam a travessia do gado roubado por entre banhados, enquanto o ponteiro desviava a atenção dos guardas os outros faziam a travessia dos animais sem respeitar o limite que dividia a fronteira.

Hoje vemos muitos casos de abigeatos de gado nas fronteiras do Uruguai e Brasil, algumas vezes os guardas não ligam para o roubo porque eles fazem acordos com o patrão dono da tropa ou por uma indenização em dinheiro e daí os tropeiros fazem a travessia dos animais sem ser notados, o chamado suborno.

Esse caminho transcorrido nos ensina que o confronto entre fronteiras se dá desde a mais longínqua antiguidade, e a literatura serve como ponte que une os tempos, para que a história permaneça viva nas margens do saber e do aprendizado.

### ***2.1 A história da formação da fronteira Brasil e Uruguai***

O sul do Brasil é considerado como uma fronteira muito viva por ser uma região onde se travaram confrontos entre os Impérios espanhol e português. O Rio Grande do Sul faz divisa com dois países Hispano-americanos, são eles Uruguai e Argentina. Para que os portugueses e os espanhóis tomassem posses verdadeiras de suas terras atuais, houve muitas

disputas, guerras sangrentas e acordos foram tramados. O homem gaúcho ocupou a fronteira e com muita garra e coragem disputou esse território num conflito entre lusos e espanhóis, consolidados depois por tratados de paz e definição de territórios.

Estas terras hoje são ocupadas pelo estado do Rio Grande do Sul e por terras do Uruguai, mas foi através das descobertas dos Portugueses e das companhias religiosas lideradas pela igreja católica que se deu as novas conquistas nessa região do pampa. Na viagem do português Martim Afonso de Souza, em 1531, ao navegar por águas de laguna em direção do Prata, reconheceu-se o território que foi denominado Rio Grande de São Pedro, que hoje se conhece como Rio Grande do Sul.

Mais tarde, nesse lugar, havia rebanho de gado que se reproduzia livre e em grande proporção e a economia causava grande ameaça à Buenos Aires, que teve muita inveja do desenvolvimento do território do sul. Com isso ocorre pelas oposições internas à guerra guaraníca e contextualiza a anulação do tratado de Madri. Com o desenvolvimento da agricultura, do comércio em disparada, os governantes de Buenos Aires não conseguiam conter o contrabando, o comércio ilícito não estancava inclusive sendo usado pelos próprios governantes de Buenos Aires.

Nesse desenvolvimento econômico, houve a participação dos jesuítas espanhóis que prosperavam em demasiado e conquistou quase toda a população indígena, seu gado, a agricultura competia com o comércio da região, sendo os índios liderados pelos reis católicos havendo uma grande preocupação de ser criado um estado independente que não seria bom para o comércio em geral, por esse motivo foi armada guerra contra os jesuítas e seu povo foi dizimado, quase toda uma população foi extinta, conforme explica Aline Carvalho Porto:

Entre os motivos para o estabelecimento dessas sete reduções, “excelem os de ordem econômica e política que têm suas origens na efetiva ocupação da região cisplatina, em que se ergue a Colônia do Sacramento”. Com certeza por isso, o início e o fim da existência dos Sete Povos estarão ligados a disputa da posse da Banda oriental, ou seja, Cisplatina, inicialmente entre Portugal e Espanha, depois entre o império do Brasil e as províncias unidas do Rio do Prata. (PORTO, 1943, p. 284)

Surgiu o tratado de Santo Ildefonso e uma nova linha divisória foi criada no estado do sul, os portugueses defendiam a vila de Rio Grande e as terras de Rio Pardo e Santa Tecla, todas lusitanas pelo tratado de Madri, e a Espanha detinha Colônia e os Sete Povos. Os espanhóis usaram de estratégias para impedir o contrabando, e nas terras ao redor do Taíam foram criados terrenos neutrais com os dois domínios, porém resultou rápido em refugio para os contrabandistas.



Santo Ildefonso foi um tratado de paz, mas não demarcou por definitivo o território do sul. A metrópole portuguesa contentava-se com a metade do Rio Grande do Sul, desde que a paz vingasse nesse espaço. Nesse período cresceu muito o poder econômico, principalmente com as charqueadas, sendo a cidade de Pelotas em 1810 uma grande produtora de charque, o padrão de vida das moradias apresentava certo glamour, com casa em estilo português, bem ampla, ostentando luxo.

O porto de Rio Grande era muito movimentado com mercadorias e comércio de escravos, aproveitando o cruzamento fluvial pela lagoa Mirim, o que propiciava o tráfico de mercadorias legal e ilegal. Os contrabandos se alastravam desde o porto de Rio Grande até o Rio da Prata, que reexportavam para o resto do mundo. Com a vinda de D. João VI ao Brasil depois da anulação do tratado de Santo Ildefonso e com o fim da guerra de 1801, foram feitas intervenções na banda oriental e poderio de terras pelos lusos-portugueses, sendo necessária uma nova demarcação em 1819.

Com o Liberalismo de D. Pedro I versus ao absolutismo que ainda era forte, sendo proclamada a independência do Brasil, em 1822, desse fato ocorrido novas leis surgiram no país, na banda oriental também ocorria desenvolvimento um novo porto foi criado em Montevideú. O último tratado entre Brasil e Uruguai se deu pela demarcação das águas da lagoa Mirim, havendo participação decisiva do Barão do Rio Branco nas negociações, conforme seu discurso:

[...] procedendo assim, trataremos aquela república vizinha como temos tratado todas as outras na determinação de nossas fronteiras fluviais e nos conformamos com as regras de demarcação observadas por todos os demais países da América e da Europa, no tocante a rios e lagos fronteiriços. (GARCIA, 2010, p. 310).

Fazendo então a justiça pela lei e anulando todo e qualquer tratado do passado. O Barão do Rio Branco hoje é homenageado no nome da cidade uruguaia que faz fronteira com Jaguarão, no Brasil, a cidade de Rio Branco, habitada por uruguaios.

No próximo capítulo, vamos falar um pouco do comércio ilegal na fronteira, atividade que prosperou devido às dificuldades enfrentadas pelos habitantes que viviam longe dos recursos disponíveis nos centros urbanos. Muitas vezes os contrabandistas operavam a mando de um senhor poderoso que, aproveitando-se da situação daqueles que eram menos favorecidos na sociedade, impunha a que fizessem a travessia de mercadorias nas fronteiras sem pagar impostos. Os ditos contrabandistas serão bandidos ou vítimas?



### 3. O CONTRABANDO NA LITERATURA

No capítulo anterior, sobre fronteira, conhecemos como são formados os espaços culturais e sociais que unem dois países, a relação de vida se constrói no cotidiano daqueles que vivem na fronteira, existe uma política discursiva que determina as condições práticas das comunidades. No Brasil e no Uruguai, o trânsito da população e de mercadorias é extenso e muito constante, tais situações merecem ser destacadas. As práticas do contrabando, desde os primórdios da história do sul, Brasil e Uruguai, esse trâmite comercial desliza-se pelo espaço fronteiro.

Os contrabandos são práticas ilegais ligados à condição fronteira, atraídos pelos valores econômicos, e muitas vezes pela facilidade que encontram em atravessar a fronteira com mercadorias em condição ilegal ou até mesmo com gado roubado e tocado por meios das canhadas e picadas dos rios, dando origem aos passos, lugares em que os rios são muito baixos, permitindo que os contrabandistas atravessassem a cavalo com as presas numa condição ilegal.

Vemos muito essas histórias nos contos literários de autores como Simões Lopes Neto, No seu conto “Contrabandista”, do livro *Contos gauchescos*, descreve a relação de vida desses indivíduos que, para uns, eram considerados bandidos e, para outros, heróis.

Essas verdades marcam a história na literatura brasileira e também hispano-americana. Nos contos de Julián Murguía, no seu livro *Contos do país dos gaúchos*, fica evidente esse segmento muito importante na literatura de fronteira. (COLAGNESE; CARDIN, 2014, p. 131).

Esses autores se referem aos contrabandistas como homens que lutavam pela subsistência, os quileiros, para ele não eram bandidos, mas sim “gentes infortunadas” (MURGUÍA, p. 95), que atravessavam a fronteira por meio dos chircais e coxilhas com quilos de mercadorias, açúcar, erva, feijão etc. que seriam vendidos ou consumidos pelos próprios quileiros para subsistência da família, os ditos contrabando formiguinha.

O contrabando já era uma prática iniciada desde quando as fronteiras não estavam bem definidas, os estancieiros mandavam seus peões atravessarem mercadorias e gados do outro lado da fronteira para abastecer os mercados ou os campos. Os contrabandos eram organizados em grupos nas malocas atuando nos banhados dos rios ou onde era mais difícil a fiscalização.

O contrabando era praticado por diferentes estratos sociais, tratando-se de uma forma de sobrevivência e reprodução social, haja vista que os contrabandistas, na sua grande maioria, tinham outras ocupações. Esses sujeitos organizavam-se em

“bandos” compostos desde homens do governo até lavradores e changadores, e todos sob o comando de um chefe. (FLORES. 2014, p. 142)

Aldyr Garcia Schlee fala de fatos inusitados de casos ilícitos nos seus contos, como no livro *Contos de sempre*. Ele registra o fato do comércio ilícito na fronteira Brasil/ Uruguai, nas cidades de Rio Branco (UR) e de Jaguarão (BR), esta sua terra natal. O conto “Nossa Senhora Aparecida” relata a vida difícil de um pai de família, um barqueiro que foi seduzido pelos mercadores para fazer em seu barco de trabalho o contrabando de mercadoria para o lado de lá da fronteira, debaixo da carga de areia ia a saborosa cachaça brasileira em barris, para ser consumida no lado uruguaio.

Segundo Adriana Dorfman (2009, p. 7), o contrabando não era um ato de protesto, mas uma opção que o povo tinha por falta de alternativas de driblar a grande crise econômica que afetava a região, dessa maneira o apelo foi o comércio ilegal. Nesse contexto social, as pessoas se viam na necessidade de praticá-lo por ser tradicional na região, circulava desde sua origem antes de 1800.

Envolvendo situações em que determinava o meio cultural, a oralidade, pois os grupos eram organizados com pessoas dos dois países, *mesclando* as línguas, os costumes da região fronteiriça, à posição frente às leis, porque alguns eram presos e também mostrava a condição de vida das famílias que viviam desse delito.

O contrabando era aceito porque todo mundo fazia ou porque, como conta o personagem Jango Jorge, havia a facilidade de passar as mercadorias de um lado para o outro. É interessante o registro em que fica explícito afirmar o contrabando não como um crime, mas uma prática tradicional de sobrevivência e nesse contexto pergunto, seriam vítimas ou vilões os que agiam fora da dita lei?

Mas o caráter político do contrabando está em aberto. Os contrabandistas não são subversivos, eles burlam as regulações econômicas e o controle do território pelo estado em função de interesses comerciais, e não como uma forma de protesto contra leis que não contemplam as necessidades locais. No máximo, o contrabando é involuntariamente político, tornando-se alvo de reivindicações nacionalistas ou regionalistas no caso de conflitos entre grupos locais. (DORFMAN, 2009, p. 7)

O contrabando era a garantia do sustento familiar e também, como conta Simões Lopes Neto através do personagem Jango Jorge, se fazia “sem malícia por prazer para se divertir e acoquinar as guardas do inimigo”, (p. 105) ficando conhecido como *Gran Capitán*, pelos seus atos heróicos, porém perdeu a vida quando contrabandeava o enxoval de noiva para o casamento de sua filha, morrendo num confronto com a polícia, sendo tomado por bandido, porém para a família era um pai extremo.

O que se define nesse personagem é a desventura de um pai de família que é visto pelos policiais como sendo um delinquente, aquele que transgride a lei, quando na verdade ele era subordinado por uma elite conservadora. Outro fato que levavam a cometer esses delitos era a situação socioeconômica, pois o custo de vida na fronteira se tornara muito alto e o dinheiro do Brasil se desvalorizara. As pessoas passaram a ter a ilusão de que ganhariam dinheiro fácil passando mercadorias escondidas de um país para outro.

Polícia pouca, fronteira aberta, direitos de levar couro e cabelo e as coletarias umas papeladas cheias de benzeduras e rabioscas. Ora... Ora!... passar bem paisano! A semente “grelou e está a árvore ramalhada, que vancê sabe, do contrabando de hoje. (NETO, 2011, p. 61).

Jango Jorge é uma visão mítica apresentada por Simões Lopes Neto, mas através de seu personagem é referenciado o estilo do homem contrabandista do século XIX, consiste num significado histórico. Seguindo uma linha crítica da história do contrabando podemos analisar uma visão complexa, porque o contrabando é intercultural desde que se juntam pessoas de países diferentes com sonhos e estilos diferentes para atuarem no ato de contrabandear, muitas coisas são envolvidas entre elas a língua e a cultura, sendo que nessa busca ocorre diálogo amplo com povos vizinhos criando uma proximidade com o universal e o humano.

Do modo como é criado nos contos literários, o cenário que representa o estilo de vida e como é feito e organizado o ato de contrabandear, nesse cenário envolve cavalos, mulas rios, pontes, coxilhas, campos, barcos, tudo para registrar como era difícil e perigosa a vida de quem escolhia viver desse delito. Enfrentam perdas, sustos, prisões. Essa categoria necessitava do comércio clandestino e os que exerciam essa missão viviam exclusivamente por essa necessidade, chamados de vagabundos, malfeitores, mal trapilhos e outras maneiras de se referenciar a eles, quase sempre eram isolados em seu silêncio com medo de entregar o ofício ou aqueles mandantes que se escondiam detrás dessas figuras para, através deles, passarem as mercadorias que iriam abastecer o grande ou pequeno mercado, os chamados mulas, pois carregavam a carga de maneira como conseguiam atravessar apenas para ganhar uns bocados para o sustento da família.

O perfil do homem contrabandista, conforme se observa na literatura de Aldyr Garcia Schlee, no livro *O dia que o Papa foi a Melo*, em seu “Conto IV”, é de um homem doente mental que morava nos arredores, não havia nada que comprovasse que ele, Fidencio Oberón, fosse um contrabandista, mas foi preso mesmo assim, suspeito de roubar roupas em um varal e participar de um contrabando no Passo das Pedras, por conhecer cada palmo do caminho e

trilhas que passavam o gado, seu silêncio e sua condição de pobreza fazia dele um suspeito, porque tinha o perfil do homem contrabandista daquela época, não conseguiram provas, mas para a polícia ele estaria envolvido no caso.

Susana Bleil de Souza descreve os contrabandistas aqueles que agiam na calada da noite, eram homens jovens usavam da valentia e audácia para transportar as mercadorias que iam abastecer os mercados dos comerciantes:

O contrabando supunha a presença de homens de comprovada valentia, em geral jovens, amparados nas sombras da noite, por caminhos desertos, nos campos, forçando ou cortando as cercas de aramado e usando o cavalo como locomoção e transporte. Organizados em partidos como grupos de autodefesa, armados às vezes como maúseres, os contrabandistas punham em perigo sua vida, jogando-a em cada viagem para enriquecerem os que compravam e vendiam por atacado. (SOUZA, 1995, p. 137)

Os que contrabandeavam por atacados não eram comparados aos que passavam os quilos, os ditos quileiros, esses eram reconhecidos como sobreviventes que vinham à fronteira, muitas vezes, de longe com as sacolas vazias para carregar os mantimentos que iam alimentar a família. Considerando que eles contrabandeavam sem fins lucrativos e não ousavam criticá-los, por serem sobreviventes da crise econômica que abrangia naqueles saudosos tempos, mais muitas vezes dependendo dos guardas aduaneiros sua mercadoria era apreendida restando o lamento de quem perdeu tudo.

O campo, a fronteira terrestre, a fronteira fluvial marcou uma época em que o contrabando era natural nas fronteiras. Desde o Império, quando foram criadas as charqueadas gaúchas, começou o destemido comércio ilícito os roubos de gado tornaram-se muito frequente porque o couro era exportado com valor muito alto para o exterior e, aproveitando a situação econômica, milhares de cabeças de gado eram passadas nas fronteiras como contrabando, para abastecer as charqueadas que enfrentavam dificuldades em manter uma boa qualidade de couro e carne.

Essa história antiga vivida no século XIX é marcada na literatura de José Monegal, ele fala do contrabando de gado, um fato acontecido quando um capataz de estância chamado Avelino Peña que foi vítima dessa situação. Uruguaio, bastante honesto, não querendo se envolver em negócios ilícitos a mando de seu patrão *hacendero* Ezequiel Luzardo que queria fazê-lo atravessar a fronteira com uma tropa de gado, com destino às charqueadas, é expulso de sua *hacenda*, motivo que levou à morte sua mulher, que se encontrava enferma. Avelino, não suportando a situação que causara na sua vida, decidiu vingar a morte de sua esposa e

matou o *hacendero* Ezequiel e também o comissário Tejera por ser seu cúmplice, pois aceitava dinheiro em troca do silêncio e da travessia dos animais.

Os conflitos eram constantes nas fronteiras por causa do contrabando, embora não havendo muita fiscalização e, assim, podiam circular com mercadorias por todo território sem prestar conta aos impostos, com respeito ao trânsito de reses e cavalos os papéis daqueles tempos, como diz Guilhermino Cesar, já ofereciam dados mais abundantes. Nesse comércio ilícito, muitas pessoas eram envolvidas, assim como no conto de Monegal que, embora sendo uma representação literária, os fatos se sucediam com verossimilhança, envolvia desde os policiais, os agentes do governo legal, os chefes militares, fazendeiros, homens civis toda essa gente integrada ao conflito agia conforme as suas circunstâncias. (CESAR, 1978, p. 69).

Os que se envolviam com essa trama muitas vezes davam a própria vida a serviço de seu mandante, eram sempre os ponteiros, homens de pouca sorte muitos deles viviam nas fazendas de gado prestavam serviços aos patrões em troca de aposentos e alimentos. No conto “Contrabando”, de Darcy Azambuja, o autor relata o caso de Chiru, que foi uma vítima de uma situação semelhante a de Avelino Peña que, para não manchar sua honra, teve a vida lesada pelo crime de vingança. Chiru, o ponteiro da comitiva chefiada por Fidencio Lopes, depois de passar a linha divisória um pouco acima de Centurión, quando o bando enfrentou as cheias do rio com muitas dificuldades, seguia na frente para avisar caso se depararem com os fiscais. Nessa ocasião, de fato aconteceu. Encontrando os guardas, ele, corajoso, sacrificou-se para defender seu bando, sinalizando os demais, que ao escutarem tiros desviaram a rota do grupo, se livrando dos guardas, porém a vida de Chiru foi tirada naquela viagem.

Dessa forma, para dizer que os contrabandistas eram bandidos ou vítimas, temos que ter um olhar mais profundo sobre o caso e separar as situações, porque se os Quileiros forem comparados com os grandes fazendeiros, não poderá haver justiça, nem um ponteiro ao patrão, todos se envolvem no mesmo negócio. No entanto, os fins lucrativos são diferentes, tem aquele que se sustenta com as mercadorias contrabandeadas e aquele que cada vez enriquece mais com o mesmo tráfico ilícito.

O contrabando ocasional é apenas uma infração. Já o contrabando institucionalizado vem a ser também outra coisa: caracteriza o subdesenvolvimento econômico. Pois, onde há organização comercial eficiente, os mecanismos de controle não toleram semelhante fraude. (CESAR, 1978, p. 32).

No entanto o contrabandista pode ser um rico estancieiro, quanto um *changador* ou um bandido, ou ainda o carregador de mulas, o tropeiro, o dono da barca que atravessava o

rio. (MASINA, 1995, p. 167). A literatura de fronteira é muito marcada pelos fatos relacionados ao tráfico devido à localização territorial.

Os autores Simões Lopes Neto, Aldyr Garcia Schlee, Julián Murquía, Darcy Azambuja e José Monegal dão vida ao homem contrabandista através da ficção, fazendo com que a literatura gaúcha seja considerada não apenas regional, mas universal, porque o contrabando foi um dos temas que enriqueceu a literatura, atravessando o universo, estando registrado em todo território nacional e além fronteira.

#### 4. O SER CONTRABANDISTA NA FRONTEIRA

Neste capítulo, faremos uma análise dos contos que constituem o *corpus* de estudo deste trabalho de conclusão. Como já apontado anteriormente, o contrabando é uma atividade que se encontra entre o ilegal e o socialmente aceito, uma vez que, devido a necessidades econômicas, sejam elas dos menos favorecidos como também da falta de projetos políticos que oferecessem melhores condições para os habitantes da fronteira, é uma prática do cotidiano desde tempos remotos.

O trabalho e os dramas vividos pelos contrabandistas ambientam muitas das ficções literárias produzidas por escritores do Uruguai e do Rio Grande do Sul. Nessas obras, conforme a seleção que realizamos, não é sempre que existe um interesse de lucro comercial. No mais das vezes, são retratadas situações que apontavam necessidades e carências de pessoas menos favorecidas. Também, contextualizam os conflitos enfrentados por aqueles que viviam do contrabando, expondo, muitas vezes, sua própria vida. Essas questões estão presentes na produção de João Simões Lopes Neto, Aldyr Garcia Schlee, Darcy Azambuja, José Monegal, Julián Murguía, autores dos contos que passamos a examinar.

##### 4.1 “*Contrabandista*” (1916), de João Simões Lopes Neto

No conto “*Contrabandista*”, de João Simões Lopes Neto, o personagem Jango Jorge é representado como um homem velho, mas com valores tão plenos de um pai que valoriza os costumes e tradições que envolvem a família. Ao querer presentear sua filha com o enxoval contrabandeado, ele morre num confronto com a polícia.

Conhecia cada palmo da querência. Era um homem respeitado e destemido, “foi sempre um gaúcho quebragallo e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas” (NETO, 2011, p. 103). O conto, além de falar do regionalismo simples e interiorano, relata os fatos que se passavam no momento em que aconteciam as reuniões das famílias, em época de festança, mostram as tradições e a cultura regional. O folclore fronteiro era retratado nas

danças em que a gurizada se reunia para namorar, como fala no conto: “havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçadas. Havia de se dançar três dias” (p. 108). Nesse tempo, *los hermanos* faziam guerras nas fronteiras, porém a mercadoria passava de um lado para o outro.

Simões Lopes Neto apresenta o personagem como uma pessoa simples, mas que conhece a história e o espaço regional, valoriza a figura do velho, como sendo um homem respeitado na família. Nesse conto, prevalece o respeito pela natureza, como forma de esperança do regresso ao lar, e o reencontro com os amigos, “ao cruzar os campos na escuridão das noites” (p. 103). Jango sempre voltava para casa e cada volta sua era a alegria da mulher e dos filhos que o esperavam chegar com os produtos contrabandeados. Os elementos que aparecem na narrativa simoniana envolvem a dignidade e a integridade, a atividade de contrabandar na fronteira era comum, uns faziam por necessidade ou porque todo mundo fazia esse delito.

A linguagem é muito peculiar no conto, onde o espanholismo e o coloquialismo acentuam traços regionais, mas a maior marca registrada na literatura de Simões Lopes Neto é a do rompimento com o preconceito literário, pois idealiza personagens como Jango Jorge ultrapassando as barreiras da literatura universal e valorizando a figura do gauchismo na personagem do homem contrabandista. Dessa maneira não transgride apenas a tradição, mas faz crítica ao falar do contrabando como visão de mundo, que envolve a integridade social e política da história da sociedade sulina.

Estudar o tradicionalismo do sul não era um elemento incentivado nas escolas e muito menos o contrabando. O autor transgride as leis dos padrões literários e através da literatura regionalista cria personagens fictícios que fundamentam o viver do homem da fronteira contra as regras da Lei. No conto, o que se pode observar é um exemplo de valentia e luta de um homem que batia os 90 anos. Sendo capitão de uma *pandilla* de contrabandistas, recebe o apelido de “*Gran Capitán*”. Jango Jorge era um homem afamado, sua patroa era ainda muito moça e prazenteira. Ele era pai de três filhos e uma era mocinha dada em casamento. Talhado na prática do contrabando, cometia esse delito como meio de sobreviver, se divertir ou até mesmo para desafiar a guarda inimiga como “gauchada”.

Identificamos esse fato quando ele, em um confronto com a polícia, deixa de ser um indivíduo que cometia infrações e passa a ser um extremoso pai que deseja garantir o enxoval da filha e é morto pelas forças militares.



a guarda os deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... E ainda amarrou no corpo... Aí foi que o crivaram de balas... parado... os ordinários!... tiveram que brigar pra tomar o corpo! (NETO, 2011, p. 109)

A covardia cometida por policiais, nesses casos, muitas vezes deixa exposta uma sociedade pela violência, que se legitima pelo papel expressivo que assumem as pessoas que transitam entre o lícito e o ilícito e que, geralmente, são da classe menos favorecidas. O perfil do contrabandista registra a conduta de uma pessoa que não se curva mediante o proibido. Mesmo enfrentando perigo, ele mantém a palavra dada até a morte, como no caso de Jango, que morreu ao garantir o enxoval da filha. Para ele, o importante era fazer a alegria da moça que esperava ansiosa pelo seu enxoval.

Como vemos o contrabandista nesse contexto? Será ele o bandido, o transgressor da lei, aquele que comete o delito? Ou como o dedicado pai de família? Nessa situação, o que podemos perceber é um contraponto em que o certo e o errado caminham lado a lado, ultrapassando as fronteiras e unindo as tradições e os costumes neste espaço fronteiriço. Simões Lopes Neto deixa registrado em sua literatura a história de uma época em que houve muito derramamento de sangue, não havendo vencidos nem vencedores, pois o que regia era a lei do mais forte.

#### 4.2 “Contos IV” (1999), de Aldyr Garcia Schlee

Se nos voltarmos para autores como Aldyr Garcia Schlee, deparamos com o contrabandista, no seu IV conto do livro, *O dia que o Papa foi a Melo*, o personagem de Fidencio Oberón, um pai de família, de descendência uruguaia, uma pessoa bastante complexa e modesta, que fazia do silêncio das palavras o interrogatório dos policiais da *jefatura*, em razão das queixas a ele ditas.

Fidencio Oberón, sendo comparado com o personagem Jango Jorge, de Simões Lopes Neto, também cometera alguns delitos no limite da fronteira Brasil e Uruguai, tornando-se ele, em certas ocasiões, um contrabandista. Suspeito de fazer a travessia de gado na fronteira, em Cañada Grande e Talavera, não tinham provas contra ele, nem tinha antecedentes criminais, sendo um indivíduo calado que escondia atrás do silêncio aqueles que usavam da humildade de um pai de família.

Ao contrario de Jango Jorge, que foi morto ao tentar contrabandear o vestido de noiva da filha, Fidencio Oberón permaneceu preso para averiguações, dividindo a cela mal cheirosa com outros indivíduos. Fidencio criou os filhos modestamente sem deixar de dar-lhes estudos. Ambos os personagens são pais que trazem a trajetória do delito e do tráfico na sua história.

Mesmo jurando que não era da zona do abigeato, Fidencio não consegue se livrar da prisão, porque tudo o indicava como um contrabandista: um homem pobre, calado e tratado por louco. Esse seria o perfil do contrabandista, conforme o pensamento da elite conservadora.

Diferente de Jango Jorge, que não se dobrava perante o proibido, Fidencio era aquele que obedecia ao mando do fazendeiro, passando o gado na fronteira. Seu patrão se escondia detrás dos changueiros que necessitavam de uns trocados para garantir o sustento de sua família.

#### **4.3 “Nossa Senhora Aparecida” (1983), de Aldyr Garcia Schlee**

No conto “Nossa Senhora Aparecida”, do livro *Contos de sempre*, Aldyr Garcia Schlee nos mostra que o contrabando era uma realidade que manchava a sociedade, mas era a solução econômica de muitos chefes de família no cotidiano, às vezes não tinham escolha e se deixavam seduzir pelo fato que poderia ser a solução para seus problemas.

O personagem do conto se chamava Florentino, era um barqueiro, todo o dia trabalhava na travessia da areia de uma margem a outra, por entre as curvas das águas claras do rio Jaguarão, “hora de voltar para casa à tardezinha: do lado de lá da ponte, aquele solão todo desaparecendo encarnado” (p. 108)

Um dia pedem a ele para passar a cachaça brasileira em seu barco debaixo da carga de areia. Era uma proposta perigosa, pois se fosse pego pelos policiais era cadeia na certa. Mas a necessidade o levou a pensar em seus filhos pequenos que tinha que dar sustento, cada travessia com o contrabando ia lhe dar um bom dinheiro e, com isso, garantir uma vida melhor à sua família. Sua mulher lhe aconselha que devia fazer o transporte da cachaça porque todo mundo fazia esse tipo de delito.

Havia uma necessidade econômica muito grande e as pessoas que praticavam esse ato quase sempre eram muito humildes, sem formação, mas que faziam valer seu próprio pensar. A criação dos personagens fictícios do autor revela o pensamento daqueles indivíduos que realmente viviam esse dilema. Através da literatura, o autor refere-se a uma época em que a integridade das pessoas era corrompida pelo contrabando. A cachaça que ia abastecer o comércio dos da classe média era carregada por um changueiro como negócio ilegal. Mas quem sofreria as conseqüências se fossem descobertos, o empresário mandante ou o pobre barqueiro?

#### 4.4 “*Contrabandistas*” (1991), de Julián Murguía

Se voltarmos nosso olhar para a literatura hispano-americana veremos que o contrabandista da nossa fronteira era reconhecido longe do seu território como uma pessoa que não merecia confiança. Julián Murguía, um escritor uruguaio, descreve os contrabandistas, no seu livro *Contos do país dos gaúchos*, na criação de seus personagens, o contrabandista era um homem que tinha duplo olhar perante a sociedade. Aquele menino que morava longe da fronteira os via como bandidos.

Fui ao galpão e encontrei titio, que terminava de empilhar uns couros [...]  
– Desgrudaste da cama? – perguntou.  
– É... eu fiquei pensando.  
– Esse senhor que esteve aqui ontem à noite, ele é teu amigo?  
– Bueno, sim.  
– Ele disse que é contrabandista [...] (p. 93-94)

Para o guri que não morava na fronteira, o que ouvia falar das pessoas que praticavam o comércio ilícito era coisa de bandidos, e não poderiam ser amigos de seu tio. No entanto, para o homem que morava no espaço fronteiriço e conhecia a realidade de vida das pessoas, eles não eram bandidos, mas uns homens que cruzavam os chircais com seus quilinhos de mercadorias que serviriam para sobrevivência da família ou para serem vendidas em armazéns de grandes e pequenos portes. Como já foi mencionado acima, esses comerciantes dependiam desses meios para se sustentar e se valiam dos changueiros que viviam desse delito.

Eles, de forma natural, faziam suas próprias leis para defender sua família. Seguiam um pensamento que não impunha os limites das leis políticas, pois eram regidos pelas necessidades da sobrevivência.

Seriam eles bandidos ou infelizes?

#### 4.5 “*Contrabando*” (1925), de Darcy Azambuja

Darcy Azambuja, no seu livro *Contos escolhidos*, fala do contrabando no espaço fronteiriço. Descreve a paisagem campeira onde aflora a natureza, dando vida a um cenário em que transita o gosto puro do verde do campo em meio do céu azulado por entre os matos e rios perigosos cheios de artimanhas. O perigo rondava esse ambiente natural que servia para o tráfico do contrabando de riquezas, como a seda e especiarias que iam enriquecer o comércio e o bolso do contrabandista.

Chiru, um sujeito com traços rudes, continua a vida de obediência que levava seu pai, um antigo peão da estância que morreu anos atrás. Tendo ficado sozinho, assumiu o dever de seu pai e prestava serviços a Fidêncio, chefe de contrabandistas, em troca de moradia.

A lealdade e a obrigação o levam a obedecer em tudo seu patrão, que era dono de uma fazendola. Seu fiel ponteiro assumiu cuidar da propriedade, seguindo seu senhor para defendê-lo com garra e lealdade. Era muito jovem, mas demonstrava a coragem dos maduros. A escuridão noturna cobria os vultos negros que atravessavam as coxilhas num vai e vem incerto. Os sentinelas faziam a proteção do bando, que passava os contrabandos. Os bagulhos eram levados nos lombos dos cavalos, debaixo das celas ia a mercadoria em maletas. Mas nem sempre tudo era perfeito pois, quando batia a guarda costeira, corriam perigo. Na narrativa do conto de Darcy Azambuja, Chiru morre num confronto com a polícia. O jovem peão seguia na frente na obrigação de avisar o grupo no caso de alguma emboscada.

Era a zona perigosa. De dentro da treva podia a cada momento surgir, de abrupto, a guarda que velava. Desafeita e confundida na noite opaca, a emboscada podia atalhar estrupido de chofre numa arrancada, atacando à queima-roupa. Por isso, na frente, distanciado da coluna, ia o Chiru, de bombeiro. Nele e na sua perspicácia e sangue-frio, estava a segurança de todos. (AZAMBUJA, 2005, p. 21)

De fato, o inesperado aconteceu quando se deparou com os guardas. Chiru seguia a trote em seu picaço, garantindo a segurança dos companheiros por entre a escuridão dos arbustos. A pouca distância da fazenda, seus pensamentos foram mudados. Os planos em melhorar de vida e casar com Lalica, seu grande amor, foram interrompidos com a voz grossa do guarda que o intimidou: “ – Faça alto. Amigo! ”. (p. 24)

E sem perder tempo, Chirú pensa na obrigação de avisar os companheiros. Saca da cintura seu revólver, disparando um tiro para servir de aviso ao grupo. Porém: “O guarda, supondo-se alvejado, atirou também”. (p. 25)

Ao escolher a morte ao invés da traição, o jovem assumiu o papel de mártir. Esse fato tem aspectos semelhantes ao de Jango Jorge, que morre em defesa do enxoval da filha. Porém fica evidente que Chiru dá a vida para defender seu patrão, pois, ao desafiar as autoridades como forma de proteger o grupo de contrabandistas, Fidêncio, o maior contraventor, permanece vivo, aproveitando-se de vítimas como Chiru para manter seus negócios.

#### **4.6 “Cerrazón” (1967), de José Monegal**

José Monegal, em seus contos, fala do herói e do vilão, da vida social dos moradores do espaço fronteiriço, da busca por justiça entre o desvalido e o prepotente. Em “Cerrazón”,

podemos comparar com o personagem de Azambuja, pois Chiru e Avelino foram vítimas da soberba dos seus patrões, que afetava a classe da peonada.

“La noticia, saltando de casa en casa, de rancho en rancho, de pulpería en pulpería, sacudió el pago. Avelino Peña había matado al hacendado Ezequiel Luzardo, señor feudal en aquella dilatada comarca de siniestra fama” (p. 68). Assim começa “Cerrazón”, uma história literária que narra situações que nos remetem à realidade.

Falando de contrabando, o autor menciona no seu conto um personagem chamado Avelino Peña, morador da fronteira e que conhecia cada palmo do caminho em que passava o contrabando de gado. Trabalhava de peão numa fazenda de propriedade de Ezequiel Luzardo. Avelino era um homem honesto, um honroso pai e um excelente esposo, nunca havia mexido com o ilícito e nem sonhava em passar contrabando.

Um dia o patrão Ezequiel Luzardo pediu para ele atravessar uma tropa de gado na fronteira do Uruguai com o Brasil. Ele alegou que nunca havia feito esse delito e nem por mil pagas haveria de fazer porque honrava seu nome e de sua família. O estancieiro, num ato de arrogância por haver ganhado um não de seu humilde empregado, mandou que ele se mudasse de seu rancho, propriedade do estancieiro. Avelino contestou que sua esposa estava doente e pediu um tempo, só que foi logo enxotado para fora do rancho com sua esposa em febre. Encilhou seu cavalo, colocou algumas tralhas que pode carregar, acomodou sua esposa em outro animal e foram pedir arrego para uma conhecida a léguas dali. No caminho, veio muita chuva e por causa disso a mulher, muito debilitada, não aguentou a enfermidade e veio a falecer.

A vida de Avelino desmoronou naquele momento. O ressentimento de perder a sua mulher se fez presente em seus pensamentos, que clamaram por justiça. Certo dia, ao encontrar com Ezequiel Luzardo numa curva da estrada, o ódio por vingança o invadiu. Não hesitou, sacou de sua arma e o matou. O mesmo fez com comissário Tejera, cúmplice de Ezequiel, um policial corrupto que aceitava pagas do estancieiro em troca do silêncio ao passar gado roubado em contrabando e muitas bandidagens.

A perseguição contra Avelino começou. A viúva e os filhos do estancieiro não aceitavam que o assassino de seu esposo estivesse fora da prisão. Chamaram o capitão Chasquero para modo de prender Avelino e tentaram subornar o policial em trocas de seus serviços. Vemos que a família do estancieiro estava acostumada com atos ilegais e transgredir a lei, para eles, era fato consumado. Entretanto o policial não se intimidou com a proposta da viúva e renegou sua oferta, dizendo ser cumpridor de seu dever e sua obrigação era prender o acusado sem suborno. Nesse momento, Avelino, que muito bem ouvira falar da honestidade

do novo comissário, vendo ele chegar à fazenda onde havia trabalhado, o seguiu montado em seu cavalo, pois queria falar com o policial e explicar o ocorrido.

Com direito à defesa, o comissário o interrogou e, ao escutar seu depoimento, ficou aterrorizado com o drama de vida do matador e seus motivos que levaram a cometer esse ato. Apavorado com a bandidagem que cometiam os que foram mortos, refletiu sobre os fatos. Com isso, o caso se inverteu, pois o comissário percebeu que Avelino era uma vítima que buscou justiça.

Cortó sus palabras Peña; quedó trémulo, relampagueando sus ojos. El capitán Chasquero, inmóvil desde que se plantó frente al matador, siguió inmóvil, ahora caída su cabeza sobre el poncho. El tiempo pareció detenerse. Las figuras de los caballos se habían plasmado, desvahído, en aquel manto sombrío que todo envolvía. (p. 70-71)

A visão do contrabando, para Peña, era um crime, uma infração à lei que não seria cometida por ele. A sua ação de vingança, matando os prepotentes vilões do tráfico e da corrupção, fizeram dele um herói que buscou, em meio à vingança, seu ato de justiça. São valores que a sociedade de sua época considerava certo, tanto que, ao ser ouvido pelo policial honesto, ele foi perdoado e, no meio da cerração, foi-lhe indicado o caminho que ele deveria seguir para viver em paz com seus filhos, pois o sol iria brilhar novamente no outro lado da fronteira.

Avelino não se submeteu à ordem de seu patrão para fazer o contrabando e preferiu a vingança pela morte da esposa a fazer tal delito. Ao contrário do personagem Chiru, do conto de Darcy Azambuja, Avelino tinha uma visão diferente do ato de transgredir a lei. Esses valores são mostrados na literatura de fronteira através dos contos os autores revelam o modo de vida que abrangia a sociedade fronteiriça no século XIX.

#### **4.7 “Renuncia del comisario Portela y del cabo Lapuente” (1967), de José Monegal**

Nos contos de José Monegal, também são explícitas outras visões do contrabando, como nos seus personagens de “Renuncia del comisario Portela y del cabo Lapuente”. O contista uruguaio apresenta uma versão do contrabando muito contrária do que foi comentado até agora. No caso comum dos contos vistos até aqui, quase sempre os policiais são os encarregados que cumprem ou tentam fazer cumprir a lei, ou seja, com justiça no caso Avelino ou através do derramamento de sangue no caso Chiru e de Jango Jorge. Já com Portela e Lapuente foi diferente, pois eles, depois de desfazerem uma quadrilha de contrabandistas, sentiram na pele o que é ser um contrabandista e tomam a decisão de renunciar dos seus cargos.

Junco, um contrabandista que estava cansado da vida de peão nas estâncias onde vivia do trabalho escravo em troca de uns pedaços de charque e algumas migalhas que não dava para alimentar com dignidade seus filhinhos e sua mulher, resolveu fazer parte de quadrilhas de homens que passavam mercadorias nas fronteiras e que eram vendidas por preço bom no outro lado, garantindo uma renda melhor. Com isso, poderia sustentar sua família com decência.

Depois de aprisionado e ao ser interrogado pelo comissário Portela e pelo cabo Lapuente, ele pede para contar a sua história e suas razões para fazer contrabandos, justificando o modo de vida que levava. Os policiais, que há muito tempo o perseguiram, se sensibilizam com o seu depoimento.

*Yo trabajo; capitán, y en ese trabajo dentran el sudor y el arriesgue, pero mis hijitos están gordos y mi mujer contenta; y yo soy libre de dir y venir, y de no aguantar caprichos y miserias de ningún mandón, que esos sí deberían estar juera de la leí, pero por cada barril o fardo que yo paso ellos pasan rodeos enteros yo soy un hombre, capitán y tengo vergüenza ¡Pero basta! (MONEGAL, 1993, p. 60).*

Sem justificativa para prender um homem que lamentou seu viver e denunciou os que cometiam grandes contrabandos, ou seja, aqueles que enriqueciam sonegando impostos com grandes cargas e que deveriam ser punidos, Portela e Lapuente, sem palavras, se sentem comovidos com a história de quem contrabandeava para a subsistência familiar. Os policiais eram homens que não tinham outro objetivo a não ser perseguir e prender aqueles que, apesar dos contrabandos, buscavam dar alegria a seus familiares.

Portela e Lapuente estavam condenados a viver sem família e, com isso, se compadeceram de Junco e, no mesmo instante, deixaram as armas e renunciaram a seus postos de guardas, passando a acompanhar o contrabandista nas suas aventuras.

*– ¡Qué la cargue mandinga, Canejo! ¡Yo no llevo nada! ¡También me largo con Junco por muy poca yel que tenga! ¡Renuncio! ¡Ya estoy muy abollao con tanta policía, y escasez de ganao rabón, de frasco y timba!  
Una hora después los tres pasaban la Picada Sucia, rumbo al Brasil. (p. 60)*

Verifica-se que o contrabando não possui apenas uma visão negativa, de infração da lei. Pode também ser reconhecido como uma alternativa para enfrentar as dificuldades da vida. O contraventor muitas vezes pode ser vítima de uma sociedade que não oferece outra opção. No caso de Junco, foi a forma encontrada para dar sustento a sua família. Já para Portela e Lapuente, serviu como fuga para suas insatisfações, uma vez que não possuíam família e nem posses. Nesta situação, assim como as trocas que se efetuam na fronteira, sejam elas concretas ou conceituais, o que era errado passa a ser o certo e vice-versa. Assim, Junco e seus novos parceiros seguem, como contrabandistas, rumo ao Brasil.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada conto analisado, vemos uma face diferente do ser contrabandista. Desde aquele que morre defendendo um enxoval para o casamento da filha até o fiel ponteiro que morre para defender o seu patrão; o barqueiro arrisca seu trabalho honesto em busca de uma melhor condição de vida e se deixa seduzir pelos mercadores. Contra Fidencio Oberón, não há provas que o incriminem, mas não consegue comprovar sua inocência, pois seu perfil é de um homem que poderia ser um contrabandista. No caso do juízo do menino que morava longe da fronteira, os amigos de seu tio eram bandidos porque passavam mercadorias escondidas por entre os chircais; já seu tio, homem conhecedor do espaço fronteiriço, ensina-lhe que esses homens têm suas próprias leis, a lei da sobrevivência. Avelino se torna assassino em busca de justiça. No caso dos policiais Portela e Lapuente, existe uma busca por mais sentido para a vida. Todos esses personagens são protagonistas do contrabando. Porém, serão vítimas ou bandidos? A representação dessa realidade é o que se constata nas obras literárias aqui apresentadas, onde a imaginação e a verdade, o certo e o errado, o justo e o desonesto constituem a diversidade que conforma um mesmo espaço fronteiriço.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Darcy. Contos escolhidos. Porto Alegre: Já Editores, 2005.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CÉSAR, Guilhermino. O contrabando no sul do Brasil. Caxias do Sul: UCS, 1978.

DORFMAN, Adriana. Textualizando condições fronteiriças: a contribuição da literatura ficcional para o estudo do contrabando. Disponível em [http://www.academia.edu/8884386/TEXTUALIZANDO\\_CONDI%C3%87%C3%95ES\\_FRO\\_NTEIRI%C3%87AS\\_A\\_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O\\_DA\\_LITERATURA\\_FICCIONAL\\_PARA\\_O\\_ESTUDO\\_DO\\_CONTRABANDO](http://www.academia.edu/8884386/TEXTUALIZANDO_CONDI%C3%87%C3%95ES_FRO_NTEIRI%C3%87AS_A_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_DA_LITERATURA_FICCIONAL_PARA_O_ESTUDO_DO_CONTRABANDO). Acessado em 12 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. Disponível em: [www.estudioshistoricos.org/edicion\\_1/adriana-dorfman.pdf](http://www.estudioshistoricos.org/edicion_1/adriana-dorfman.pdf). Acessado em: 12 de abril de 2015.

CARDIN, Eric Gustavo, COLOGNESE, Silvio Antônio. (Orgs.). *As ciências sociais nas fronteiras*. Teorias e metodologias de pesquisa, ed. 1. Cascavel, 2014. Disponível em: [www.academia.edu/.../TEXTUALIZANDO\\_CONDIÇÕES\\_FRONTEIRI...](http://www.academia.edu/.../TEXTUALIZANDO_CONDIÇÕES_FRONTEIRI...) Acessado em 12 de abril de 2015.

FAÉ, Geneviève. Regionalidade em Simões Lopes Neto: Fortuna crítica. Cultura e regionalidade. Disponível em: [periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/3691/2920](http://periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/3691/2920). Acessado em 12 de abril de 2015.

FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Crimes de fronteira. A criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

GARCIA, Fernando Cacciatore de. Fronteira iluminada. História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

MASINA, Léa. O contrabando na confluência de culturas. In: CASTELLO, Iára Regina et al. Práticas de integração nas fronteiras. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 165-175.

MAZZEI, Enrique. Fronteras que nos unen y límites que nos separan. Melo, Depto. De Cerro Largo: Diciembre, 2012.

MAZZEI, Enrique, SOUZA, Mauricio de. La frontera en cifras. Melo, depto. De Cerro Largo: 2012.

MONEGAL, José. Cerrazón. In: \_\_\_\_\_. Cuentos Escojidos. Montevideú: Editorial Banda Oriental, 1967.

MONEGAL, José. La renuncia del comisario Portela y del cabo Lapuente. In: \_\_\_\_\_. Cuentos de bicho. Montevideú: Editorial Banda Orienta, 1973.

MURGUÍA, Julián. Contrabando. In: \_\_\_\_\_. Contos do país dos gaúchos. Montevideú: Editorial Banda Oriental, 2014.

NETO, João Simões Lopes. Contrabandista. In: \_\_\_\_\_. Contos gauchescos. Porto Alegre: Ed. Pradense, 2011.

PORTO, Aline Carvalho. As relações entre literatura e história: o caso de contos gauchescos de João Simões Lopes Neto. Disponível em: [www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com\\_docman...6](http://www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com_docman...6). Acessado em 12 de abril de 2015.

RIZZON, Carlos Garcia. Outras Geografias em Literaturas de Fronteira. In: Para Onde? Volume 6, Número 2, jul./dez. 2012, Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFile/36488/23902>. Acessado em 12 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. Fronteiras de uma terra indecisa. In: \_\_\_\_\_. Fronteiras da alma de um caudilho assinalado: Histórias e ficções de Antônio de Souza Neto. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/183/082935.pdf>. Acessado em 12 de abril de 2015.

RODRIGUES, Odiombar. Entre o regional e o universal. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/52/05.pdf>. Acessado em 12 de abril de 2015.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. Simões Lopes Neto e o nome do Rio Grande do Sul no cenário nacional. Disponível em: [seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/download/25311/pdf](http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/download/25311/pdf). Acessado em 12 de abril de 2015.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Conto IV. In: \_\_\_\_\_. O dia em que o Papa foi a Melo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

\_\_\_\_\_. Nossa Senhora Aparecida. In: \_\_\_\_\_. Contos de sempre. São Paulo: LR Editores Ltda, 1983.

SILVA, Renata Faria Amaro da; ROLLA, Angela da Rocha. Simões Lopes Neto: uma visão histórico-social do Rio Grande do Sul. Disponível em: [guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2006/artigos/letras/121.pdf](http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2006/artigos/letras/121.pdf). Acessado em 12 de abril de 2015.

SOUZA, Susana Bleil de. Os caminhos e os homens do contrabando. In: CASTELLO, Iára Regina et al. Práticas de integração nas fronteiras. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 126-139.